



A TERAPIA COGNITIVO-COMPORTAMENTAL E OS DESAFIOS VIVENCIADOS POR MULHERES COM DEPENDÊNCIA QUÍMICA

Djanine Santos Lima

Acadêmico em Psicologia no Polo de Várzea Grande, MT.
Email:djaninesantoslima@gmail.com

Alex Zopeletto da Silva

Psicólogo (UFMT/2014). Pós-graduação em nível de residência em Saúde do Adulto e do Idoso (HUJM/UFMT/2023). Mestre em Saúde Coletiva (UFMT/2017).
E-mail: alex.zopeletto@univag.edu.br

Introdução – O presente Resumo é oriundo das observações e reflexão realizadas no estágio supervisionado específico I Políticas de saúde. A questão sobre drogas permeia diversas esferas sociais. Na área acadêmica, o tema é objeto constante de estudos; já no senso comum, é encontrada a vertente do proibicionismo, onde a cultura do não uso está enraizada dificultando a livre circulação de idéias entre as pessoas em geral, caracterizando assim num tabu. A TCC ajuda os indivíduos a identificar e modificar padrões de pensamentos disfuncionais e comportamentos relacionados ao uso do álcool. O estagiário trabalha com os pacientes para desenvolver habilidades de enfrentamento saudáveis, substituir crenças negativas e pensamentos e enfatiza a aceitação dos pensamentos, emoções e sensações associadas ao uso excessivo de substâncias psicoativas, ao mesmo tempo em que encoraja os indivíduos a se comprometerem com ações que estejam alinhadas com seus valores e objetivos de vida. Esses tratamentos podem ser aplicados de forma integrada, adaptando-se às necessidades individuais e preferenciais do paciente, visando à obtenção de resultados positivos no tratamento do uso excessivo de substâncias. Apesar de sabermos que o uso de drogas é muito antigo, faz-se necessário esboçar sobre sua historicidade. Perrone (2014) descreve o alcoolismo (consumo de álcool) e dependência química (compulsão a substâncias lícitas e ilícitas) como doenças atuais. “Isto se deve também ao fato de que o alcoolismo e, principalmente, a dependência de drogas, mesmo havendo registro do consumo de ambas desde a antiguidade, são doenças emergenciais da atualidade’ (p. 3- 4)”. O uso de drogas é datado aproximadamente de 3.000 anos atrás, e que tem uma conotação cultural muito enraizada. De acordo com Bahls e Bahls (2002), a história do uso de cocaína é repleta de acontecimentos, que atravessa os povos e suas significações. A cocaína tem uma origem histórica bastante rica. A civilização inca, originária da região de Cuzco, cultivou e estabeleceu o consumo da coca, conservando-se algumas lendas distintas sobre sua origem. No Brasil, a cocaína era legalmente. Comercializada no início do século XX, como parte integrante na formulação de remédios ou na sua forma pura. No início do século XX a imprensa e a sociedade brasileira, sob influência das questões norte-americanas, passaram a focar o uso de cocaína com preocupação. No artigo "Visão histórica sobre o uso de drogas: passado e presente; Rio de Janeiro e São Paulo" de Carlini e cols. (1996) desenvolve-se a ideia de que, em torno de 1914, a cocaína passou por uma mudança de lugar no imaginário social brasileiro e começou a ser vista como um comércio perigoso, que ameaçava a integridade e a vida das pessoas. (BAHLS; 2002, p.3-4). **Orientação Teórica** – Segundo Bucher (1994), uma das possibilidades de apreender a dependência é a de que as pessoas recorrem à

droga para tentarem resolver dificuldades afetivas, familiares, profissionais ou sociais. Muitos enfrentam dificuldades em lidar com a realidade que lhe cabe, obtendo nas drogas sensações passageiras de bem estar, ausência de dor e esquecimento. Percebemos que em uma sociedade organizada nos moldes do capitalismo, que impulsiona uma crescente desigualdade social, onde se implica uma configuração de um cenário de forte tendência a mudança de valores, que acaba voltando-se para a produção de competitividade, individualismo, estética e consumo exacerbado, se encontra a posição da mulher que se refugia no mundo das drogas. Cumpre considerar que nos últimos 30 anos, a posição que a mulher tem na sociedade passou por mudanças significativas. Atuação do estagiário neste cenário da dependência química damos enfoque para a prevenção e redução de danos no panorama da dependência química. Dessa forma, iniciei a busca por trabalhar com essa multiplicidade implicada nas demandas ouvidas, proporcionando uma ação de prevenção e redução de danos em um sentido amplo, ao trabalhar não somente a relação dela com as drogas, mas promover uma escuta qualificada que ultrapasse o sintoma e possibilite o acesso à singularidade da paciente, considerando seus modos de subjetivação, suas relações afetivas e o impacto das construções sociais acerca do feminino em sua trajetória. O estagiário deve compreender que a dependência química se inscreve como uma forma de enfrentamento frente a experiências de dor, vazio e exclusão, revelando-se também como um pedido de reconhecimento e acolhimento. Assim, a intervenção não se restringe à contenção do comportamento adictivo, mas visa promover processos de elaboração psíquica que favoreçam a reconfiguração da relação da paciente com a substância, com o outro e consigo mesma, a partir de um espaço terapêutico sustentado pela escuta, empatia e compreensão das determinações subjetivas e socioculturais implicadas no fenômeno da dependência. **Procedimentos técnico-metodológicos** – Os autores Feffermann e Figueiredo (2006) contribuem, discorrendo sobre o tema da dependência química; A associação internacional de redução de danos, formada por cientistas e profissionais que embasam essa linha de ação, vem preconizando que "se não é possível livrar o mundo das drogas, é melhor aprender a conviver com elas e ensinar (GORGULHO, 2004). A respeito dessas questões sociais, como o excesso de questões como subsistência - na qual as mulheres têm que prover seu próprio sustento, criação dos filhos, família, mercado de trabalho, sexualidade, padrão de beleza, casamento, doenças entre outros - favorecem para uma sobrecarga de cobranças e obrigações para essas mulheres. **Considerações finais** – Conclui-se que a atuação do estagiário, com o devido preparo teórico e prático, é essencial no enfrentamento da dependência química. A prevenção deve ser compreendida de forma ampla, indo além das ações educativas, abrangendo também o contexto social e emocional das pessoas atendidas. No caso das mulheres, esse cuidado exige atenção especial, pois elas enfrentam múltiplas vulnerabilidades — como desigualdade de gênero, violência, estigmas e sobrecarga social. Assim, o estagiário preparado contribui para um atendimento mais sensível, humanizado e capaz de promover a autonomia e o fortalecimento das mulheres em seu processo de recuperação.

Palavras-chave: Dependência química, Mulher, Atuação do estagiário.



Referências

GIGLIOTTI, A. BESSA M. A. Síndrome de dependência do álcool: critérios diagnósticos. Brazilian of Psychiatry, Rio de Janeiro: maio 2004. Disponível em: [SciELO - Brasil - Síndrome de Dependência do Álcool: critérios diagnósticos Síndrome de Dependência do Álcool: critérios diagnósticos](#). Acesso em: 20 de outubro de 2025.

TEIXEIRA, Paulo Tadeu Ferreira. CAPS AD: **A Relevância dos Serviços e as Contribuições da Psicologia/CAPS AD: The Relevance of Services and the Contributions of Psychology**. Revista de psicologia, v. 15, n. 54, p. 699-712, 2021. Disponível em: [CAPS AD: A Relevância dos Serviços e as Contribuições da Psicologia / CAPS AD: The Relevance of Services and the Contributions of Psychology | ID on line. Revista de psicologia \(emnuvens.com.br\)](#). Acesso em: 20 de outubro de 2025.

TELLES, K. **CAPS AD: Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas**. CENPRE. Disponível em: https://cenpre.furg.br/images/stories/Seminario25Anos/caps_ad_rg.pdf#:~:text=Grupo de prevenção à recaída Grupo de cinema Espaço de Leitura Oficina de violão Projeto Neeja. Acesso em: 26 de outubro de 2025.